VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

MULHERES, LUTA E LABUTA EM UMA SOCIEDADE MASCULINIZADA

Rodrigo Paste Ferreira*

É normal encontrar em livros e documentos que fazem referência à história da sociedade brasileira, e mundial, a figura do homem como o centro da família. Constituindo e dando forma ao que se convencionou chamar de "Família Patriarcal", que segundo Nader era "um modelo familiar que se sustentava através da incorporação de seus membros, preferencialmente parentes, aos clãs, que asseguravam a indivisibilidade do patrimônio e, consequentemente do poder." (NADER, 2001, p. 47-48). Dentro desse contexto, Nader afirma ainda que a organização familiar desenvolvida foi alicerçada no poder econômico e pessoal, "a estrutura dominadora se baseava, não na obediência em um poder de finalidade impessoal e objetiva, mas na autoridade dominadora, centralizada na figura, normalmente masculina, de um chefe." O grande patriarca tinha poderes extensos dentro de sua unidade familiar e a sua decisão era lei. Nesses grupos familiares, a figura feminina era um mero apêndice, era a genitora,

* Professor de História do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES. Doutorando em Educação pela Universidade Americana. Este texto faz parte de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação, nível Mestrado da UFES, sob orientação do Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco.

ISBN: 978-85-98711-10-2

cuidava dos filhos e do marido, era a responsável pela casa e, diante das decisões do homem, sempre se anulava.

Essa definição de patriarcalismo ainda causa bastante controvérsia dentro do meio historiográfico brasileiro. O patriarcalismo citado por Gilberto Freyre e, posteriormente, por Antônio Cândido, muitas vezes, foi questionado debatido e analisado. Mesmo sabendo que suas afirmações possuem certas especificidades, regiões, épocas analisadas, visões adotadas, sempre que o tema patriarcalismo é debatido seus nomes são lembrados.

A realidade é que essa forma de organização social existiu no Brasil, o domínio do homem foi uma realidade que figurou durante muito tempo entre as famílias brasileiras. Porém, não se pode generalizar e achar que apenas esse tipo de organização familiar figurou no passado brasileiro. O que se deve lembrar é a sua variação na estrutura de uma região ou de uma época para outra.

Também entre os imigrados europeus tal estrutura vigorou, mesmo que em unidades familiares bem menores, o homem figurava como uma autoridade inquestionável. A ele sempre foi dado o crédito pelo crescimento e desenvolvimento de seus lares, cabendo à mulher o papel complementar e secundário. Assim como em Freyre

> alguns autores [...] tenderam a identificar o patriarcalismo a uma quase anulação da mulher diante do homem. Vigiada pelo pai e, posteriormente, pelo marido, ela praticamente não teria espaço para agirlivremente.
> (BRÜGGER.Disponível em:<http://www.ufsj.edu.br/Pagina/ tempos gerais/n1/artigos/patriarcalismo.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2008).

Essa anulação pode, muitas vezes, ser questionada; em determinados momentos o que se nota é a mulher, realizando as atividades, tal qual o homem dentro da sociedade em que vive. Ao analisar a sociedade dos imigrantes há de se constatar que muito do patriarcalismo sofreu alterações.

A realidade encontrada pelos europeus em solo capixaba foi bastante diferente da realidade descrita pelo pensamento patriarcalista da historiografia nacional. Essas famílias enfrentaram as mais variadas e inusitadas realidades. As dificuldades eram fatores que impulsionavam o surgimento de uma estrutura própria, com características

ISBN: 978-85-98711-10-2

típicas das pequenas propriedades de estrutura familiar, de policultura, minifúndios e, praticamente auto-suficientes. A realidade encontrada e as opções apresentadas aos imigrantes, assim que desembarcavam em solo brasileiro, não eram muito variadas. Os destinos possíveis, via de regra, variavam entre as fazendas e os lotes coloniais, e em ambos os destinos escolhidos o sofrimento e a descrença rondavam o dia-a-dia das mulheres imigrantes.

Assim que elas tinham acesso aos lotes, ou mesmo, às casas nas vilas das fazendas, caso esse fosse o caminho escolhido, servir de mão-de-obra nas fazendas de café, suas vidas sofriam nova transformação. A essas mulheres cabia a organização das instalações dos pequenos barracos que recebiam ou tinham que ajudar na construção de suas moradias. Enquanto isso não ocorria, dormiam ao relento ou buscavam soluções que a própria natureza proporcionava. A precariedade não era exclusividade dos lotes coloniais, mesmo nas grandes fazendas.

> [Estendia] uma fileira de casinhas, normalmente construídas com barro e cobertas de palha, minúsculas para o número de pessoas que devem abrigar e com portas assinaladas com números progressivos [...] É um espetáculo desolador, de enternecer o mais duro dos corações, assistir a tomada de posse de semelhantes moradias [...] Vi velhos [...] circundados dos filhos, noras e netos, irromper com prantos inconsoláveis e aumentar com seus gemidos profundos o desespero da pequena família [...] (COLBACCHINI, 1895, p.126-7).

Em lotes de núcleos coloniais era necessário abrir clareiras em meio a matas fechadas, com uma vegetação e animais totalmente desconhecidos. Só depois de muita labuta subiam as primeiras habitações. Essas moradias eram muito rústicas e impróprias, porém era o que o momento podia oferecer, em meio às matas e às áreas isoladas do território capixaba; uma cabana era o mais próximo de uma casa naquele momento.

Em todo o território capixaba os imigrantes foram recebidos e fixados com as mesmas condições. Em São Pedro de Venda Nova, homens e mulheres iniciaram sua luta em pé de igualdade; para ambos os sexos, as condições de sobrevivência eram as mesmas. Com tal observação é importante que se faça uma ressalva. Se ambos os sexos tiveram os mesmos problemas, as mesmas provações, se lutaram juntos, por que sempre que lembrados pelo processo de ocupação de Venda Nova do Imigrante são sempre os

ISBN: 978-85-98711-10-2

homens que aparecem como as figuras centrais? Sempre se refere ao sexo masculino como o grande desbravador, relegando papel nas atividades invisíveis para as mulheres; casa, filhos, marido, atividades que para a sociedade, não têm a mesma importância que as atividades tipicamente capitalistas. Por outro lado, o descaso sobre a imagem feminina pode ser entendido também como uma mostra da subserviência das mulheres; pois elas adotavam um papel para o qual foram treinadas para desempenhar. Entre todos os meus entrevistados, essa observação foi unânime, demonstra que o próprio sexo feminino não se via como determinante dentro da sociedade.

Do ponto de vista alimentar, os italianos comiam, basicamente, cereais, isto é, trigo que consumiam em forma de pão e macarrão, milho que era consumido como polenta pelas famílias provenientes da Itália setentrional, ou mesmo como broa pelos italianos meridionais. Mas aqui, seu cardápio, quando farto, podia passar pelo feijão, arroz, batata, palmitos, animais silvestre, pássaros, verduras e polenta, eterna companheira das horas de fome. E cabia as mulheres o preparo destes alimentos. Labutavam em cozinhas, quase sempre improvisadas, em barracos fora de suas casas, tamanho era o temor pelos incêndios pelo fato de serem construídos, basicamente, de madeira e os fogões eram à lenha, portanto um simples descuido poderia causar um incêndio. Dentro desse cenário, as mulheres, se postavam a trabalhar, acordavam cedo para preparar um rápido desjejum que, em muitos casos, consistia apenas em uma fatia de polenta com um pouco de café. Após essa refeição inicial, cabia-lhes preparar o almoço e as demais refeições do dia, que quase sempre eram levadas por elas mesmas na roça, onde os serviços estavam sendo realizados, como relatou a Srª Anides Venturim Paste[1] que alegando que "tinha que subir lá no alto da lavoura, com as panelas penduradas de um lado, filho pequeno do outro, as enxadas nas costas e um monte de filho pequeno atrás". Pode-se perceber a extrema importância das mulheres para que a estrutura desenvolvida nessa sociedade não entrasse em colapso. Com a sua ajuda, era possível poupar tempo e dinheiro que era reinvestido na propriedade. Nada se perdia, tudo se aproveitava, e mais do que nunca, na visão do imigrante, "tempo é dinheiro e sobrevivência".

[1] Anides Venturim Paste. Entrevistada em 25 de outubro de 2007. Idade 82 anos. Seus pais eram filhos de imigrantes. Reside no município de Venda Nova do Imigrante, no distrito de São João de Viçosa, desde o seu nascimento.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Os colonos, uma vez instalados, precisavam produzir quase tudo de que necessitavam, apenas compravam uns poucos itens de seu consumo tais como o querosene, instrumentos de trabalho, tecidos, sal. Porém, até chegarem a essa auto-suficiência havia complicações. Para aqueles que estavam embrenhados pelas matas, sem uma fonte alimentar suficiente, ou devido à distância dos poucos armazéns existentes, a realidade era dura. Segundo Ângelo Falqueto, o sofrimento pela falta de alimentos era agravado pelo desconhecimento da fauna e flora local.

Mesmo se o abastecimento de alimentos e suprimentos fosse mantido com certa regularidade, ainda existia a escassez de recursos, o que dificultava a obtenção dos produtos necessários. Buscar alimentos não era uma tarefa simples, e mais uma vez tem-se a fundamental participação do sexo feminino para suprir a família de alimentação. Era normal recorrerem à cata de frutos, raízes e outros produtos da natureza como banana, mamão, palmito. Buscavam ainda nas águas sua fonte de sustento, pois o peixe existia em abundância.

Atentando para o fato simples de que eram as mulheres as incumbidas em realizar as atividades domésticas, assim relata Teresa Dell'Armellina Serafini:

> Você não sabe como era difici levá cumida pros meu irmón trabaiando lá no alto das derrubada. Hoje precisa umas 10 panelas pra fazê o cume que a mamãe fazia. [...] Eu me alembro, nóis era minina e subia aquele morro. A gente chegava lá em cima cansada. E aí ficava lá trabaiando. Eu capinava, roçava, deriçava café, mas o pió de tudo era juntá café cum as mon. Olha, saía sangue das ponta dos dedo e a gente tinha que continuá trabaiando (apud LAZZARO, 1992, p.64, sic).

Percebe-se por sua fala que, como se não bastassem as atividades diretamente ligadas à casa, as mulheres trabalhavam em pé de igualdade com os homens desde muito cedo. Ainda crianças seu principal "brinquedo" era a enxada, o enxadão, o fogão à lenha.

O patriarcalismo era nítido, as mulheres, mesmo contribuindo da mesma forma que os homens na formação da comunidade e da unidade de produção da qual faziam parte, não podiam e não tinham o direito de opinar, sem a permissão dos homens. As famílias numerosas, as constantes gravidezes e partos também representavam outro sofrimento para essas mulheres, não pelo fato de terem que cuidar de numerosa prole, o que era normal na época, mas a incerteza do que poderia ocorrer durante o parto, visto

ISBN: 978-85-98711-10-2

que não existia assistência médica e nem medicamentos que pudessem sequer lhes aliviar a dor e o sofrimento. Muitas vezes estas mulheres trabalhavam na roça até o dia de dar à luz. Quantas iniciaram o trabalho de parto ainda nas fileiras dos cafezais.

Como negar a importância dessas mulheres na história da formação do município de Venda nova do Imigrante? Muitos podem dizer que elas são lembradas, seu trabalho é reconhecido, porém não há livros que descrevem seus feitos ou sua realidade. Não é possível encontrar nenhum material que faça referência as suas realizações em primeiro plano. Sempre que seus nomes são lembrados, eles aparecem ofuscados pelos feitos dos homens.

Mulheres e homens labutavam nos cafezais juntos, na hora do trabalho. Na lavoura não existia diferença entre os sexos. O trabalho era realizado da mesma forma, embora em certos aspectos, quando se tratava de força, os homens levavam certa vantagem. Segundo Saletto, que toma como base o padrão das fazendas paulistas para avaliar a adequação da quantidade de mão-de-obra à produção de café, "um trabalhador adulto, considerado uma 'enxada', se encarregava de 2 mil pés de café, e a mulher e filhos a partir de 12 anos, considerados 'meias-enxadas', cultivavam mil pés de café" (SALETTO, 1996a, p. 95). Por esses cálculos, conclui-se que a mulher produzia menos que um homem adulto, porém há que lembrar que essas mulheres não se dedicavam apenas a essa atividade, elas ainda tinham diversas tarefas no seu dia-a-dia, além do trabalho na lavoura. Seus feitos não param por aí, muitos são os exemplos de atuação ativa no desenvolvimento das famílias e na acumulação de pecúlio familiar exercidas pelas mulheres.

A principal atividade financeira das famílias era o café, porém, não era a única fonte de renda dos imigrantes e seus descendentes. Entre as fileiras da lavoura, aproveitavam para plantar milho, feijão e outros víveres, quando tais cultivos não se encontravam consorciados com o café, eram cultivados nas proximidades de suas casas. Esses produtos eram importantes para a sobrevivência das famílias. Segundo Justina Venturini Pasti,

> [ela] começou a trabalhá na roça com 10 ano. O que a gente começava fazendo era panhá café. O a gente varria o café, o derriçava, capinava... O melhor mesmo de fazê na roça era panhá café. A gente puxava café da roça com o burro, agora, difícil era levantá o caxote de

ISBN: 978-85-98711-10-2

> café e virá no balaião em cima do burro. A gente plantava milho e puxava com os animais, e de noite a gente debulhava milho, bordava, costurava, remendava (apud LAZZARO, 1992, p. 77, sic).

Todas as etapas de produção das propriedades passavam pelas mãos das mulheres. Fosse no café ou em outras culturas desenvolvidas dentro das unidades familiares, sempre estava presente a força de trabalho feminino. Era comum as mulheres ficarem incumbidas de socar o arroz para o consumo das famílias em pilões rudimentares, bater o feijão com grandes e longas varas, descascar e debulhar o milho para assim poder moê-lo e convertê-lo no fubá e na tão desejada e apreciada polenta, a grande responsável pela alimentação e sustento da famílias de imigrantes de Venda Nova do Imigrante.

Dentro dessa auto-suficiência não é difícil se imaginar o porquê de se chamar a atenção para a importância do trabalho das mulheres. Desde o momento em que são constatadas as atividades diárias, pode-se imaginar que a estas estavam diretamente relacionadas as figuras do sexo feminino. É simples de se entender por que tanta insistência neste ponto. Em todas as minhas entrevista não encontrei nenhum relato de mulheres, em Venda Nova do Imigrante, que tentaram romper com tais regras impostas pela sociedade machista da época, lembrando que estamos falando de fins do século XIX e início do século XX. O que se percebe é que elas aceitavam a posição que lhes era imposta e passavam isto para suas filhas, que passaram para as suas e assim por diante. De geração em geração as mulheres foram condicionadas a aceitarem que os homens eram os mandatários da vida pública e a elas cabiam as sombras na vida privada.

As atividades eram as mesmas, a importância de ambos os sexos era a mesma, no entanto, as glórias foram sempre atribuídas aos homens. Frequentemente, essas mulheres atuavam como chefes da unidade doméstica[2]. Em casos de morte do marido, por exemplo, cabia-lhes a direção das atividades de seus lotes[3]. Em casos de doenças,

---

[2] Aqui entende-se por unidade doméstica a propriedade rural, a unidade de produção trabalhada e administrada pelas famílias. Não confundir com unidade familiar, que seria a família em si, tipicamente patriarcalista conforme descrito no início deste capítulo.

[3] Observar que em certas situações, como afirma Pedro Altoé, p. 122, a direção poderia ser entregue ao filho mais velho, ou tentavasse manter a aparência de que era o filho, e não a mãe, que estavam no controle.

ISBN: 978-85-98711-10-2

também às mulheres cabiam as atividades de gerenciamento dos lotes de terras. Não raro eram as vezes que os maridos tinham que se ausentar por determinados períodos de suas terras e, na ausência de um filho mais velho, com idade para assumir os negócios da família, cabia à mulher o papel de responsável para responder pelas questões da família.

Se ficar em suas propriedades e administrá-las na ausência do marido era fato normal, sair delas e realizar atividades na comunidade em que estavam inseridas também eram atitudes corriqueiras. Não raro as mulheres tinham que percorrer longos trajetos a pé, ou no lombo de animais, a fim de não retirar os homens de suas atividades diárias. Assim afirma Carvalho em seu trabalho sobre o núcleo colonial Santa Mª de Jetibá e onde registra o depoimento de Henrique Boldt, descendente dos primeiros habitantes da região, sobre a caminhada das colonas.

> [precisavam] caminhar de 6 a 8 horas em picadas abertas no meio da mata escura, que mal podiam ter o nome de caminho, pernoitavam em Santa Leopoldina e no outro dia iniciavam a caminhada montanha acima, com o enorme saco de compras às costas. Traziam não só o que haviam adquirido para a própria família, mas as encomendas dos vizinhos. Muitas vezes era a mulher que se dispunha a fazer essa viagem para que o marido não interrompesse a faina na lavoura (CARVALHO, 1978. p.19).

É de conhecimento que a região de Santa Leopoldina teve sua colonização impulsionada, principalmente, pelos alemães, porém não era exclusividade apenas dessa região. A falta de estradas, a existência de picadas, a distância e o isolamento das áreas coloniais era um realidade que afetava todas as regiões ocupadas por imigrantes em território capixaba.

No núcleo São Pedro de Venda Nova não era diferente, uma viagem para a cidade mais próxima, no caso Castelo[4], "se gastava um dia inteiro para ir e outro para voltar, em lombo de burro" (LAZZARO, 1992, p.98). Daí o fato de, muitas vezes, os maridos se ausentarem por determinados períodos de suas casas e deixarem as mulheres assumindo os papéis que a eles cabiam; ou mesmo, em certos casos, em que as mulheres

[4] Não confundir Castelo, a cidade de Castelo, que fica a cerca de 38 Km de Venda Nova do Imigrante, com o núcleo colonial Castelo, que foi o principal núcleo difusor para a ocupação desta região.

ISBN: 978-85-98711-10-2

realizaram essas atividades, se não sozinhas, o que era mais difícil, como acompanhantes de seus maridos, filhos, irmãos.

Não se pode negar a importância para o desenvolvimento das áreas como o núcleo colonial de São Pedro de Venda Nova uma vez que temos acesso a tais informações. Sem a participação direta ou indireta do gênero feminino, essa comunidade, certamente, teria sofrido grandes percalços, que, graças a atuação incessante delas, eram solucionados. E, devido a isso, cabe mais uma vez destacar que nem assim elas são lembradas da forma como deveriam ser.

Mesmo com tantas realizações, o reconhecimento das mulheres não se faz tão importante quanto o dos homens nas comunidades de descendentes italianos. Vale frisar que não se quer tirar o mérito das realizações e conquistas masculinas. Todos sabem de sua importância e de seus feitos; sem seu suor a comunidade vendanovense não teria a beleza e o desenvolvimento de hoje. O que se quer chamar a atenção neste trabalho é da falta de reconhecimento da atuação das mulheres. Se os homens imigrantes realizaram grandes feitos, sem o auxílio feminino nada disso seria possível.

Na vida das mulheres italianas não faltaram relatos de suas lutas, de suas vitórias, de seu suor para poder dar um pouco de conforto a seus familiares. Era grande a sua devoção pelos filhos e demais membros da família. Suas realizações não ficaram apenas no passado, seus esforços hoje podem ser reconhecidos em uma das principais bandeiras levantada pela municipalidade e pela população de Venda Nova.

Muito se fala em capital nacional do Agroturismo, centro de difusão da Agro-indústria capixaba, porém tais falas, tais propagandas, muito raramente vêm acompanhadas da origem histórica desse processo de desenvolvimento. Era tarefa das mulheres em momentos de crise e necessidades, desenvolverem determinadas atividades que, conforme já foram mencionadas, contribuíram para o acúmulo do pecúlio familiar e consistiam na fabricação de queijos, ricotas, socóis, vinhos, licores, biscoitos, pães, rendas, entre outros produtos. Com o passar do tempo, o que era uma atividade esporádica adquiriu caráter de sustento familiar, dando origem ao que hoje se conhece pelo nome de Agroturismo.

Relatos são latentes entre as moradoras, a influência das suas antepassadas na formação do município é, simplesmente, inquestionável. Todas essas imigrantes que

ISBN: 978-85-98711-10-2

atravessaram o Atlântico e aqui desembarcaram, aprenderam que o sonho poderia se transformar em pesadelo, mas nem assim desistiram de tentar, lutaram com bravura e coragem, ajudaram seus parceiros a desenvolver o estado e o país, Passaram por inúmeros problemas e venceram. Não voltaram para a Itália com os bolsos cheios de riquezas, porém deixaram para seus descendentes riquezas ainda maiores: histórias de um povo que não desistiu, não se curvou diante das dificuldades, um povo que lutou e enfrentou os desalentos de peito aberto e ajudou a construir o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUGGER. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/Pagina/temposgerais /n1/artigos/patriarcalismo.pdf>.Acesso em: 30 jan. 2008.

CARVALHO, Regina Hees de, **Santa Maria de Jetibá:** uma comunidade teuto-capixaba**.** Mimeo, 1978.

COLBACCHINI. Pietro. **L' emigrazione italiana negli stati uniti Del Brasile**. Rassegna Nazionale. Florença, mar. 1895, vol. LXXXII, nº 320.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no estado do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Arte Nova, 1974.

LAZZARO, Agostinho. et al. **Lembranças camponesas.** Vitória: 1992.

NADER, Mª Beatriz. **Mulher: do destino biológico ao destino social.** 2ª ed. rev. – Vitória: EDUFES/CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS, 2001.

NOGUEIRA, Verena Seva. **A "venda nova das imigrantes":** relações de gênero e práticas sociais do agroturismo. Dissertação (Mestrado em Economia). UNICAMP. Campinas, SP: 2004.

SALETTO, N. **Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930).** Vitória: Edufes,1996.

TAMANINI, Virginia G. **Karina.** Edição especial. Vitória: editora, 2006.

TEDESCHI, Ugo. **Lê condizione sanitarie degli emigranti nello stato di San Paolo.** Bollettino dell'Emigrazione. Roma, 1907, nº 2, p. 58.